JUBIABÁ: ABC DE ANTÓNIO BALDUÍNO

Bianca Brignoni [1](UnB)

Resumo: O presente artigo irá fazer uma análise da obra *Jubiabá* (1935), voltando-se para a trajetória do protagonista Antônio Balduíno, menino nascido no Morro do Capa Negro, e abordando questões que vão desde à formação da consciência política e da consciência negra, a pontos como a narrativa, a exploração do trabalhador, a formação do líder grevista e a religiosidade, que também está presente durante toda a jornada do herói negro.
Palavras-chave: Jubiabá, Jorge Amado, Revolução de 30, Realismo

A escolha que Jorge Amado fez ao escrever Jubiabá utilizando da estrutura de um Romance de Formação, formatação utilizada tipicamente para se contar a história de protagonistas burgueses, já apresenta ao leitor uma inovação provocativa, pois Antônio Balduíno é um garoto do Morro que não se enquadra sob nenhum aspecto nos personagens típicos deste tipo de romance. Nos moldes originais de composição desse tipo de narrativa a história de vida de um indivíduo mediano começa a ser contada a partir de um momento adiantado na trajetória do personagem para em seguida retornar à infância deste protagonista e seguir a ordem cronológica até o final, que é caracterizado pela chegada do personagem central ao seu ápice de descobertas e mudanças. O presente trabalho irá discutir como duas estruturas romanescas aparentemente opostas podem ser localizadas na obra Jubiabá e de que maneira Jorge Amado constrói este, até então, novo modo de fazer romances.

Antônio Balduíno é um jovem negro nascido no Morro do Capa Negro, local onde passará grande parte de sua infância, sempre vislumbrando o centro da cidade da Bahia, centro que o instigava e seduzia. Ainda na infância o jovem Baldo já se destacava em meio às outras crianças, sendo visto sempre como o chefe da molecada do morro e estando sempre atento às histórias contadas pelo pai-de-santo Jubiabá e malandro Zé Camarão. Órfão de pai e mãe, o menino é criado por sua tia Luísa, que ainda no início do romance fica louca e é levada para um sanatório, momento da narrativa em que o jovem negro "desce" para a cidade e vai morar na residência do comendador Pereira, onde conhece quem será durante toda sua trajetória o seu grande amor: Lindinalva, que como o próprio nome sugere era bela e muito branca. Balduíno

[1] Graduada em Letras pela Universidade de Brasília, mestranda em Crítica Literária Dialética (UnB).
Contato: bibiancabrignoni@gmail.com

vive até sua mocidade na casa do comendador, frequentando a escola por um curto período em que aprende a ler e a escrever, período curto, pois logo é expulso da escola, da mesma maneira que viria a ser praticamente expulso da casa do comendador após calúnias criadas pela governanta Amélia acerca de como Balduíno estaria "olhando as coxas de Lindinalva" (AMADO, 1969, p.60).

Com as mentiras odiosas feitas pela governanta racista, Baldo apanha muito e foge da Travessa Zumbi dos Palmares. A partir daí, ele passa a liderar um grupo de meninos de rua que se torna sua família durante esse período de malandragem. O jovem negro nesse período faz visitas frequentes ao Morro onde nascera, tendo a cidade da Bahia como casa, onde dorme onde quer e anda por onde quiser. A vida de malandro agradava muito a Antônio Balduíno, que não se preocupava com o fato de não ganhar dinheiro, desde que jamais fosse escravo e que pudesse viver sua vida como ela era: deitando mulatas no areal, tomando seu trago na Lanterna dos Afogados, frequentando a macumba e compondo seus sambas.

A vida de Antônio Balduíno passa por mais uma mudança quando Luigi, um treinador de boxe que já não exercia a profissão, vê o negro dar um soco que leva o soldado Osório ao chão após uma briga por Maria dos Reis. Baldo larga a vida de malandro de rua ao ser contratado como *boxeur* por Luigi, iniciando assim sua carreira de lutador, que acaba sendo brilhante mas breve. Ao ler em um jornal a notícia que Lindinalva noivara, Baldo bebe muito e perde a luta contra um peruano, encerrando assim sua carreira de lutador. Após esses eventos e ainda o suicídio de Viriato, o Anão, seu amigo das épocas de mendigo, Antônio Balduíno sai de Salvador no saveiro do Mestre Manuel, que o deixará juntamente ao seu amigo, O Gordo, em uma plantação de fumo ao sul no estado da Bahia. Os acontecimentos que vem a seguir compõem a segunda parte do romance, essencial para a formação política do Antônio Balduíno que surgirá na terceira parte da obra.

Baldo vê a realidade das famílias que vivem da colheita do fumo e da fabricação de charutos, famílias constituídas de mulheres sofridas e homens cansados, sem perspectiva alguma de melhora, no que diz respeito à qualidade de vida, que era mínima. Nesse ponto o jovem negro vê e vive o estilo de vida que ele nunca em sua rotina malandra de outrora imaginava vivenciar. Ainda passando seus dias nas plantações de fumo, Antônio Balduíno entra em uma rixa com Zéquinha, que também trabalhava na região, briga que finda com o capataz ao chão ferido a faca, e com a fuga

do negro, que se esconde no mato e lá passa a noite. Baldo passa por um momento de grande reflexão e dificuldade durante sua estada no esconderijo, saindo de lá com um ferimento sério no rosto, que é curado por um desconhecido velho. Ao sair do casebre do ancião, tem-se um Antônio Balduíno que muito difere do vadio dos tempos de moleque, agora Baldo está mudado e maturado pelo que viveu nas plantações de fumo e segue de trem para Feira de Santana, onde reencontra Luigi, que agora trabalhava em um circo. Baldo passa a participar do espetáculo como lutador.

Após o desmanche do Circo, que fora causado pela morte de Giusepe, o verdadeiro dono do espetáculo, Balduíno segue no saveiro do Mestre Manuel de volta para a cidade em que se criara, voltando com um sentimento que ainda não se mostra claro, mas que vem surgindo como um crescendo no âmago do herói:

> Quando ele fugiu (tinha apanhado uma surra tremenda do peruano Miguez) não sabia rir mais. Andava com a cabeça atravancada com as histórias de Jubiabá, com a vergonha da surra que tomara, com o fim da sua carreira de *boxeur*, com o noivado de Lindinalva. Agora sabia rir de nôvo e iria com certeza gostar das histórias trágicas de Jubiabá. Porque na sua fuga de dois anos vira muita miséria. A sua garganta tem hoje um tom cruel. E no seu rosto há um talho. Foram os espinhos da noite do cêrco. Mestre Manuel pergunta pela história daquele talho. Maria Clara fica espiando no fundo. Antônio Balduíno conta e pensa no mar, nos guindastes do cais, nos navios negros que partem na noite. (AMADO, 1969, p.229).

Antes mesmo de chegar a sua cidade de destino já pensa no que irá encontrar ao retornar, o que inclui os guindastes que ele sempre desprezara, pois era onde homens que deveriam ser livres eram explorados. É depois de pouco tempo de chegado à cidade da Bahia que Antônio Balduíno troca a vida de compositor de sambas pela vida de carregador no cais. Até o momento, Baldo não tinha conhecimento do que ocorrera com sua amada Lindinalva desde sua partida, e é ao saber por Amélia que sua donzela está trabalhando como prostituta, já doente e com um filho para sustentar, que Baldo toma as dores da moça e promete em seu leito de morte que irá cuidar do filho dela como se fosse dele. A partir daí se desenrola o andamento que fará o herói negro tornar-se um líder grevista.

Balduíno durante toda sua trajetória se negou a ser escravo dos ricos, mas o que sua amada lhe pedira fez com que o negro se deixasse vencer para ir trabalhar como os demais explorados que tinham suas energias sugadas até a morte pelas estivas do Cais. O que Balduíno não sabia e estava por descobrir era que existia uma forma de não

se deixar matar pelos guindastes e pela exaustão, visto que os trabalhadores possuem direitos e podem lutar por eles.

> Aquilo era uma coisa nova para êle, uma das coisas que amaria fazer.[...] Os guindastes estavam parados, vencidos pelos inimigos que êles sempre mataram. E os donos daquilo tudo, os homens que mandavam nêles, se escondiam medrosos, sem coragem de aparecer. Antônio Balduíno sempre tivera um grande desprezo pelos que trabalhavam. […] mas agora o negro olhava com outro respeito os trabalhadores. Quando êles queriam, ninguém podia com êles. Aquêles homens magros que vieram da Espanha e viviam nos estribos do bonde cobrando passagens, aquêles negros hercúleos que carregavam fardos no cais ou manejavam as máquinas nas oficinas de eletricidade eram fortes e decididos e tinham a vida da cidade em suas mãos. […] Antônio Balduíno também descobriu isto e foi como se nacesse de nôvo. (AMADO, 1969, p.273)

Ao descobrir o papel da greve e a possibilidade de liberdade que ela trazia para a vida dos trabalhadores, o herói vê perspectiva futura para sua vida e se percebe agora tão sábio quanto o pai de santo Jubiabá, que não tinha o conhecimento sobre a organização sindical e sobre o movimento trabalhista. Jubiabá aprende com Antônio Balduíno o significado da luta de classes e sua importância na vida não só dos trabalhadores, mas também na vida dos empregadores, que poderiam ter o olho da piedade mais uma vez aberto. Quanto à significação deste momento em que Baldo e Jubiabá estão falando entre iguais Duarte (1995, p.109) coloca que o protagonista "relativiza e introduz uma flexibilidade inexistente no modo maniqueísta com que o pai-de-santo explicava o mundo a seus seguidores."

Balduíno ouvia as histórias que pai Jubiabá e o malandro Zé Camarão contavam desde sua infância, histórias de quando o pai-de-santo ainda era moço e vivia no tempo da escravidão, histórias que vão ajudar a compor a consciência negra dentro do herói e que foram determinantes para "enfatizar que a recusa de um contexto opressivo conduz o personagem à vida nas ruas, em busca de sua afirmação enquanto ser humano digno e livre" (DUARTE, 1996, p.190-1). É seguro dizer que foi esta criação popular e informal cheia de fatos e situações místicas e folclóricas, bem como o contato desde cedo com a macumba e demais elementos da cultura negra, que proporcionaram ao jovem herói a noção de que a Bahia é dos negros e para os negros, que em seu tempo já não havia espaço para escravidão e abusos.

Daí surgiu o pontapé inicial para que, ao fugir da Travessa do Zumbi, Balduíno mostrasse que a dignidade e, como pai Jubiabá dizia, o "olho da piedade" estavam na

maneira de agir e ver o mundo. Segundo Duarte, ao se unir aos meninos de rua para pedir esmola e praticar pequenos furtos,

> Balduíno ensaia a prática de uma ética socialista, baseada na divisão igualitária de tudo que é arrecadado, na defesa dos mais fracos, na preocupação com o outro. As encenações mentirosas diante das mocinhas burguesas visam a denunciar a sociedade capitalista, com sua hipocrisia travestida de em caridade. (DUARTE, 1996, p.101).

A noção política que na adolescência do jovem protagonista aparece de modo sutil, vai se tornando mais evidente, num crescendo de informações que vão se aglutinando por onde Balduíno passa e que dão auxílio na composição de sua formação. É a união de diversos fatores e fatos que permeiam a vida de Baldo que o fazem chegar à posição de líder grevista ao final da narrativa. As calúnias inventadas em decorrência do racismo de Amélia, a vida difícil dos estivadores que morriam esmagados pelos fardos que carregavam no cais, a triste realidade vivida no tempo em que o jovem trabalhou nas plantações de fumo e a própria fase de explorado que viveu por determinado período em que trabalhara no cais, todas estas etapas formam o herói Antônio Balduíno que está no final do romance, que ganha um ABC e luta enquanto negro e enquanto trabalhador por melhores condições de vida para ele e para todos que sofrem nas mãos do racismo e da exploração.

As histórias que eram contadas no Morro do Capa Negro e o cotidiano da favela auxiliaram na construção do ponto de vista crítico de Baldo, no que diz respeito à política, do mesmo modo que o aproximaram da religião e do misticismo desde pequeno. Seja pelos trabalhos encomendados ao pai-de-santo Jubiabá, os quais Balduíno acompanhara desde a infância, seja pelas noites no terreiro de macumba onde o herói tinha o costume e o gosto de frequentar, a religiosidade afro-brasileira sempre se fazia presente, enchendo a alma do protagonista, que depois de aprimorar sua visão crítica ao ser inserido em um âmbito político como o do sindicato dos trabalhadores do qual participava “vislumbra a possibilidade de resignificar o mítico e o lendário da cultura afro-brasileira, 'politizando-a' e, dessa forma, incorporando-a ao universo da luta e da consciência de classe.” ROSSI (2009, p.90). É importante notar que o “olho da piedade”, o qual Jubiabá sempre mecionava ser o que determina a bondade e o caráter de um homem, era o que norteava o comportamento de Baldo, sendo o lado místico que não o deixava perder sua honra e sua dignidade de herói, que não deixava “vazar o olho da piedade” nem nascer o “olho da ruindade” dentro de si.

A amarra entre a consciência negra e consciência de classe foi construída por Baldo após dois períodos que foram essenciais para que a noção de classe, injustiça e exploração ficassem mais claras para o herói, sendo o primeiro momento na plantação de fumo, localizada em Cachoeiras-BA, e o segundo momento já de volta à Salvador, quando substitui um estivador que fora vítima do trabalho semi-escravo vivido por todos que trabalhavam no Cais. Em ambos cenários, Balduíno vê que não é só o negro que sofre discriminação e que fica às margens da sociedade, mas que os pobres e desvalidos também se enquadram na exclusão e no descaso.

Durante o tempo em que Baldo passou nas plantações de fumo, pôde observar que toda aquela gente vivia uma vida de miséria e sacrifício, sem um mínimo de salubridade. Ao contrário dos estivadores do Cais, que se organizam com outros setores de serviços e fazem uma greve forte e sólida, as operárias das plantações de fumo não possuíam a mesma perspectiva, talvez por não terem alguém que dissesse à elas e aos seus maridos que poderiam parar o trabalho para reivindicar seus direitos. O protagonista, no entanto, percebe por conta própria essa diferença entre os explorados do campo e os explorados da cidade, sendo que "agora via que os operários se não quisessem não seriam escravos. Se os homens das plantações de fumo soubessem, também fariam greve."AMADO(1969, p.275). Baldo fala dessa questão no primeiro dia de greve, não com a intenção de discursar e colocar um posicionamento mais ou menos socialista, e sim com a ideia de um observador que experimentara a vida opressiva nas plantações de fumo.

Esse nível de exploração absurdo que Baldo juntamente com o(a)s outro(a)s operário(a)s vivenciaram, exploração que convivia de modo tranquilo com o luxo no qual os explorados estavam imersos, é algo que se fazia presente no campo e na cidade, mostrando-se um contraste mais explícito na cidade interiorana de Cacheira:

> No hotel de Cachoeira, que é cômodo e mesmo suntuoso, moços alemães bebem uísque e jantam jantares feitos especialmente para êles. Mulheres vieram da Bahia para dormir com êsses moços loiros e simpáticos. São filhos dos donos daquelas fábricas de onde saíram as mulheres operárias. Conversam em meio as bebidas e falam na salvação da Alemanha pelo hitlerismo, na próxima guerra mundial que êles vencerão.[...] Uma criança interrompe o jantar e diz:
> – Uma esmola que minha mãe está morrendo...(AMADO, 1969, p.150)

Ao se observar o andamento da narrativa vê-se os momentos em que, assim como quando pequeno, "Antônio Balduíno ouvia e aprendia", absorvendo tudo aquilo

pelo que estava passando em forma de experiência e conhecimento, culminando no momento em que, como já discutido anteriormente neste capítulo, Baldo percebe que algo novo e bom está ocorrendo, algo que irá mudar a sua realidade e a realidade daquela gente tão sofrida. Desde o primeiro momento em que Balduíno ouve a palavra "greve" até o momento em que ele toma partido e passa a discursar e a participar arduamente da movimentação dos trabalhadores, muito ele aprende e se admira, não compreendendo porque pai "Jubiabá sabia coisas de santos, histórias da escravidão, era livre mas nunca ensinara a greve para o povo do morro." (AMADO, 1969, p.289). É nesse ponto que Baldo resolve agir no meio em que nasceu e cresceu, quando entra na sessão de macumba e fala aos seus de algo que nunca ninguém falara, algo que soa como cético no sentido de que por mais que o misticismo esteja na alma de todos eles, é a luta política a verdadeira arma revolucionária que transformará cada negro e branco pobres, em pessoas verdadeiramente livres, falando às pessoas do morro:

> Que adianta negro rezar, negro vir cantar pra Oxóssi? Os ricos manda fechar a festa de Oxóssi. Uma vez os policiais fecharam a festa de Oxalá quando êle era Oxolufã, o velho. E pai Jubiabá foi com eles, foi pra cadeia. Vocês se lembram, sim. O que é que negro pode fazer? Negro não pode fazer nada, nem dançar pra santo. Pois vocês não sabem de nada. Negro faz greve, pára tudo, pára guindastes, pára bonde, cadê luz? Só tem as estrêlas. Negro é a luz, é os bondes. Negro e branco pobre, tudo é escravo, mas tem tudo na mão. […] Meu povo, vamos pra greve que a greve é como um colar. Tudo junto é mesmo bonito. Cai uma conta, as outras caem também. Gente, vamos pra lá. (AMADO, 1969, p.278)

Ainda no segundo dia de greve o protagonista aprende que a revolta e a luta individual que ele vivera até então, negando-se a trabalhar e a ser mais um escravo das fábricas e dos guindastes era uma luta que nada poderia alterar a realidade dos que sofriam com a dura realidade proletária, já "Na luta da greve não. Êles iam perder um pouco da escravidão, ganhar mais alguma liberdade. Um dia fariam uma greve ainda maior e não seriam mais escravos." (AMADO, 1969, p.290). É relevante notar que a maneira com que Jorge Amado escreve todo esse desenvolvimento do protagonista no ambiente da luta de classes e do propósito comunista não atrapalham o aflorar da consciência negra no rapaz, ao contrário disto, eleva o personagem e "faz de Antônio Balduíno o primeiro herói negro da literatura brasileira." (DUARTE, 1996, p.108). Parte da crítica literária acredita que não era compatível a união entre raça e classe social dentro da obra, pelo fato de que o comunismo em sua origem não aceitava

qualquer tipo de manifestação de crença religiosa, problemática que segundo Duarte se dissolve, pois "encontra entre os comunistas brasileiros uma atitude mais tolerante..." (DUARTE, 1996, p.106). Duarte dá como exemplo o próprio Jorge Amado, que em 1946 como deputado defendeu a liberdade religiosa e proibiu a repressão aos cultos afro-brasileiros na forma da lei. Este e outros fatores que só são encontrados aqui no Brasil permitem que Antônio Balduíno não caia em extremismos que fariam a obra perder em naturalidade e quebrariam com a proposta, muito bem executada, de Jorge Amado ao compor um romance sobre a vida do negro proletário no Brasil.

Ao se observar como o autor constrói e amarra a narrativa no que diz respeito à raça e à luta de classes, pode-se perceber que Antônio Balduíno, enquanto participante da macumba do pai Jubiabá e da vida proletária no Cais, funciona como um ponto de intersecção entre os âmbitos da cultura afro-brasileira e da luta proletária. Tal intersecção harmoniza o romance, compondo uma trajetória em que a consciência política cresce gradativamente, depois de uma série de acontecimentos que contextualizam a evolução de pensamento do protagonista. O fato de que o herói negro aprende o socialismo e a luta de classes no decorrer da narrativa torna o enlace entre cultura afro-brasileira e a política de esquerda uma questão mais natural e verossímil que em *Cacau* e *Suor.* Rossi coloca que em *Jubiabá*

> A temática racial ganhou novas roupagens e abordagens específicas na obra do escritor baiano, não mais oferecendo obstáculos para se pensar o Brasil, como em *País do Carnaval*, nem submersa inteiramente em um mundo proletarizador/proletarizado, como em *Cacau* e *Suor*. (ROSSI, 2009, p.96)

Críticos como Luiz Costa Lima (2004) afirmam que o protagonista Antônio Balduíno passa de malandro a proletário por uma causa demasiadamente sentimental, o que não serve como justificativa única para tamanha virada na narrativa. Apesar de a crítica ver nesse ponto da trajetória do herói um problema, é válido pensar que *Jubiabá* não surgiu com o intuito de formar uma narrativa fechada no que diz respeito à lógica formal, mas de dar aos brasileiros uma obra que conte um pouco do que é o povo marginalizado e incentive a luta através do tom romântico e idealizado, tendo o romance o calor e o tom poético típico de Jorge Amado que, segundo Antonio Candido é "o maior romancista do amor, força de carne e de sangue que arrasta os seus personagens para um extraordinário clima lírico." (CANDIDO, 2004, p.47)

O andamento visto na vida de Antônio Balduíno da infância à vida adulta é

permeado pela cultura negra, que Jorge Amado mostra de uma maneira intensa, culminando na luta travada por negros e brancos que visam o mesmo objetivo: o de ter direitos respeitados e vida sem preconceitos de ordem social e racial.

Depois de ter sido contada e contextualizada a história de Antônio Balduíno se faz necessária a colocação de como Jorge Amado através de uma estrutura narrativa tipicamente burguesa conseguiu colocar um menino pobre e negro no posto de protagonista e de que modo este estilo de escritura juntamente com a alocação do narrador e como ele participa da composição do romance transformaram *Jubiabá* em um romance com grande êxito.

Para dar início à discussão se faz relevante um trecho de György Lukács que diz respeito do romance histórico:

> O caráter fundamentalmente nacional do tema central da epopeia e a relação entre indivíduo e povo na época dos heróis fazem com que a personagem mais importante tenha de assumir o lugar central, ao passo que no romance histórico essa personagem ocupa necessariamente um lugar secundário. (LUKÁCS, 2011, p.64)

O trecho acima situa o lugar que o indivíduo possui em relação ao meio na epopeia e no romance. Considerando que o romance é sim um gênero que funciona como epopeia se colocado ao lado de seu público-alvo, a burguesia, é possível encaixar o herói negro Antônio Balduíno na perspectiva de epopeia sem que, entretanto, perca as qualidades de um personagem ligado à sua história e ao ambiente do qual nasceu. Jorge Amado consegue amarrar bem a narrativa ao colocar o protagonista dentro da estrutura do Romance de Formação, elevando a sua história e os acontecimentos em sua vida, que nesse caso estão sempre envolvendo novas descobertas e o direcionando para grande virada final que torna o grande sindicalista e líder grevista do final do romance. O autor faz isso sem deixar o lado poético se perder, dando espaço para a humanidade e o sentimento que permeia toda a trajetória de Baldo e, ao contrário do que grande parte da crítica diz, traz verossimilhança e aproxima o leitor à obra:

> O romancista se irmana com o negro Antônio Balduíno e vai, com ele, de aventura em aventura. Os capítulos seguem a coerência destas e se ligam, como que circunstancialmente, ao sabor do raconto. A inspiração e a extraordinária capacidade de simpatia humana do autor fazem de Jubiabá uma obra-prima cheia de imperfeições, tanto é verdade que a força do talento supre, em casos excepcionais, a arquitetura devida à inteligência analítica e construtora. (CANDIDO, 2004, p.50)

Não é apenas essa proximidade entre autor e texto que dá o tom humanizado que aparece em Jubiabá, é também o narrador em relação à história. Já nos momentos de infância do jovem Balduíno o narrador coloca leitor e protagonista próximos e mostra um Baldo ainda moleque sem deixar de dar indícios de que muito ainda estava por vir, expondo que "Cedo chefiou os demais garotos do morro, mesmo os bem mais velhos do que êle. Era imaginoso e tinha coragem como nenhum." (AMADO, 1969, p.24) O narrador neste ponto já se coloca de um modo mais intimista por saber coisas que dizem respeito ao âmago de Antônio Balduíno, o que traz essa vivacidade e esse sentimento poético para o leitor. É interessante perceber que apesar de num primeiro momento essa mistura que Jorge Amado faz entre Romance de Formação e Romance Socialista parecer não ser satisfatória, na medida em que vai sendo desenvolvida a trajetória de Antônio Balduíno o que nasce é um casamento feliz entre um indivíduo negro que vive às margens da sociedade e tem sua vida contada nos moldes do Romance de Formação e uma noção de coletividade e luta de classes que surge depois de quase finda a narrativa. Tal tipo de amarração entre a defesa da raça negra e o estilo utilizado pelo autor atinge o êxito, segundo DUARTE (1996):

> Em Jubiabá a questão da negritude aflora toda vez que se pensa o papel do narrador, já que não se trata simplesmente de falar do proletário, mas do proletário negro. O narrador de *Jubiabá*, aliás, como de toda a literatura socialista, *toma para si* o discurso do oprimido ou o que julga serem os clamores das classes oprimidas. Trata-se, pois, de uma *apropriação* do discurso do outro, mediatizada pela perspectiva do partido. (DUARTE, 1996, p. 107)

Observando o trecho acima, é possível perceber que a maneira com que Jorge Amado conduz o narrador se encaixa perfeitamente no que é normalmente feito em "toda a literatura socialista". A questão aqui levantada é que Jorge Amado consegue esse tipo de construção sem ter de abrir mão do Romance de Formação, deixando o clima do romance além de intimista, também muito mais familiar e particular. Apesar de na época em que foi lançado *Jubiabá* Jorge Amado ser filiado ao Partido Comunista, isso não impediu que a religiosidade pudesse aparecer e também ser ponto forte para resistência dos personagens negros no romance, uma vez que negritude e classe social são colocadas lado a lado para que se chegue ao auge da luta de Balduíno pelos direitos dele e de seus iguais.

A partir da trajetória contada no início deste trabalho se nota que a narrativa

tem ênfase em três elementos locativos: a cidade da Bahia, local que predomina e compõe o cenário a maior parte do romance; as plantações de fumo de Cachoeira, onde Balduíno passa por uma das grandes viradas de sua trajetória e o mar, elemento misterioso e sombrio que várias vezes aparece no romance como "Ali estava o caminho de casa."(AMADO, 1969, p.135). Ao mesclar uma aventura heroica de um personagem desde sua infância até seu auge no engajamento político e social ao contexto e realidade que este personagem negro vivia, Jorge Amado traz para a literatura brasileira uma abordagem nova do ponto de vista de um modelo literário consagrado e de um pensamento político e social que estudava já algum tempo. O autor de *Jubiabá* fez o que muitos críticos literários brasileiros sugeriam não ser possível fazer de forma eficaz, escreveu um romance de fácil leitura porém denso, que apesar de idealista alcançou o objetivo de associar uma estrutura narrativa tradicionalmente utilizada para tratar de personagens burgueses a um personagem que vive às margens da sociedade. Mais que isso, Jorge Amado conseguiu narrar com sua bela poesia em formato de prosa a vida de quem normalmente seria invisível e mostrou de forma objetiva a mudança que gostaria de ver no mundo: o senso de justiça e a instrução necessários para se lutar pela igualdade.

Referências Bibliográficas

AMADO, Jorge. *Jubiabá*. 19ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1969.

CANDIDO, Antonio. Poesia, documento e história In: _____. *Brigada Ligeira*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2004. p. 41-62.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado*: romance em tempo de utopia.1ªed. Rio de Janeiro: Record, 1996.

ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. 1ªed. São Paulo: Annablume, 2009.

LUKÁCS, György. *O Romance Histórico*. São Paulo: Boitempo, 2011.